Utopias Amazônicas: Ideias para (Re) Imaginar o Futuro

Gabriel Leite [1]

Book Review

Colón, Marcos, ed. *Utopias amazônicas*. 1 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2025.

[1] Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ordenamento Territorial e Urbanodiversidade na Amazônia (GEOURBAM). Orcid: 0000-0003-1690-3557. E-mail: gabrielcarvalholeite16@gmail.com

Vista como uma terra exótica e primitiva, desprovida de cultura e de história, a Amazônia tem sido tratada, nas suas relações com o mundo ocidental capitalista, como um espaço aberto a experimentações sociais e intervenções territoriais de toda ordem e com diferentes propósitos.

Das iniciativas de civilização e progresso às políticas de modernização e desenvolvimento, há um longo histórico de "utopias tropicais" – projetos de futuro baseados nas ideologias da tropicalidade[2] – que têm se mostrado tão ambiciosas em suas pretensões quanto desastrosas em seus resultados socioambientais.

Diante desse cenário que atualmente assume contornos dramáticos, o livro *Utopias amazônicas*, publicado em 2025, propõe um descentramento do pensamento e da imaginação utópica, de modo a vislumbrar outros horizontes de possibilidades desde a própria Amazônia, isto é, dos sujeitos que habitam e produzem essa região em sua sociobiodiversidade.

Idealizado e organizado pelo professor, jornalista e documentarista Marcos Colón, em homenagem ao também professor, jornalista e sociólogo Lúcio Flávio Pinto, o livro reúne ensaios de estudiosos, de diversas procedências e perspectivas teóricas, com reconhecidas trajetórias de pesquisa e ação na região amazônica.

A partir dessas diferentes perspectivas, o livro busca contribuir, como exposto no prefácio de Marcos Colón, para uma "reorquestração semântica do conceito de utopia" (p. 22), questionando seus pressupostos ideológicos e deslocando seus referenciais de enunciação, conforme observa José Bessa Freire, em sua apresentação à obra.

Um entendimento compartilhado pelos autores do livro é que as utopias modernas têm se apresentado, para os povos amazônicos, como verdadeiras distopias, conforme assevera o texto de Aurélio Michiles, diretor do documentário *Segredos do Putumayo* (2020)[3], que retrata as violências coloniais durante o "ciclo da borracha" na Amazônia peruana.

[2] Susanna Hecht, "Utopia e tropicalidade", palestra gravada em 9 de maio, 2025, transmitida pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 57:23, https://www.youtube.com/watch?v=JNM6a22oSAw.

[3] Aurélio Michiles, diretor, *Segredos do Putumayo* (24 VPS Filmes, 2020), documentário.

É na contracorrente desse cenário distópico que se afirmam as "utopias amazônicas", abordadas na obra resenhada. A começar pelas "utopias indígenas", tema do texto de Renan Freitas Pinto, que delas apresenta um quadro geral, incluindo a utopia da valorização dos seus mitos e filosofias, do reconhecimento dos seus saberes ancestrais, do desenvolvimento da autoria indígena, da educação indígena diferenciada e da demarcação das terras indígenas.

Uma das formas das "utopias amazônicas", os mitos e lendas ganham destaque no ensaio de Paes Loureiro, que propõe entendê-los como utopias sociais: a fundação mítica da cidade de Abaetetuba como "a utopia de uma terra sem males" (p. 59); a lenda do Boto como "a utopia de um mundo integrado entre o céu e a terra" (p. 60); a lenda do Curupira como "utopia alegórica de defesa da terra" (p. 60); a lenda do Uirapuru como "utopia da Amazônia florestal ser ouvida" (p. 60); entre outras utopias do imaginário amazônico, objeto de estudo aprofundado do autor[4].

Além dos mitos e lendas, o livro aborda as utopias expressas nas filosofias andinas e amazônicas, a exemplo daquelas conhecidas como *Sumak Kawsay*, *Kawsak Sacha*, entre outras cosmovisões, que propõem modos de existência baseados na convivialidade e reciprocidade dos seres humanos entre si, e na integração destes com a natureza.

Contrariamente a uma abordagem restritiva dessas concepções, Alberto Chirif considera que elas não dizem respeito apenas aos povos indígenas, mas à sociedade como um todo. Nessa direção, Alberto Acosta afirma que tais propostas representam não propriamente "alternativas *de* desenvolvimento", mas "alternativas *ao* desenvolvimento" (p. 205), oportunidades promissoras para escapar da "armadilha do progresso", que impõe o modelo neoextrativista dominante na América Latina.

O livro também enfatiza as utopias veiculadas pelas lutas sociais dos povos amazônicos, entendidas não somente como lutas de resistência, mas como processos de "re-existência", isto é, de reinvenção de modos de existência baseados nos contextos geográficos e epistêmicos em que se situam[5].

[4] João de Jesus Paes Loureiro, *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*, 5. ed. (Manaus, AM: Valer, 2015).

[5] Lina Maria Hurtado e Carlos Walter Porto-Gonçalves, "Resistir y re-existir", *GEOgraphia* 24, no. 53 (Novembro 2022): 1-10, doi: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i53.a54550.

Reconhecendo a diversidade das lutas sociais na América Latina, Edna Castro argumenta que tais experiências constituem um "campo de coerência significativo" (p. 133), do qual emergem formas de articulação em redes sociais e étnicas, como as assembleias dos povos indígenas e fóruns sociais pan-amazônicos, espaços de ações compartilhadas, de interpretações sobre o mundo e os lugares, e de expressão de renovadas utopias.

Em perspectiva semelhante, Fernando Michelotti argumenta que a agroecologia amazônida, de base agroflorestal, apresenta-se como um paradigma produtivo e político de "re-existência", fundamental na articulação dos diversos campesinatos amazônicos, sejam aqueles considerados tradicionais, sejam aqueles de migração recente, tanto nas áreas mais florestadas quanto naquelas mais desmatadas da região.

Para o autor, esses povos do campo, diversos e semelhantes, afirmam-se como protagonistas de novos "encontros interculturais virtuosos"[6], similares aos já ocorridos na história da Amazônia, tornando possível não somente "interromper a destruição da floresta", mas também "retomar a produção de uma floresta biocultural" (p. 149).

Sob uma perspectiva de gênero, Flávia Lisbôa trata da dimensão utópica dos corpos – "corpos-utópicos", nos termos de Foucault[7] – como territórios – "corpos-territórios", à luz do pensamento descolonial latino-americano, particularmente na ótica dos povos originários e dos movimentos feministas[8] – nas lutas de "re-existência" das mulheres camponesas no sudeste paraense.

Também na ótica descolonial, Bruno Malheiro argumenta que a Amazônia é o "avesso da utopia", pois sua existência sugere giros de perspectiva em relação aos pressupostos fundamentais dessa ideia moderna, assim identificados pelo autor: i) da "vontade de imaginar um vir a ser à vontade de não esquecimento do passado ancestral" (p. 65); ii) "da obsessão por pontos de vista à necessidade de se reconhecer

[6] Bruno Malheiro, Carlos Walter Porto-Gonçalves e Fernando Michelotti, *Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo*, 1. ed. (São Paulo, SP: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021), 201-243.

[7] Michel Foucault, *O corpo-utópico, as heterotopias*, 2. ed. (São Paulo, SP: N-1 Edições, 2013).

[8] Rogério Haesbaert, "Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais", *GEOgraphia* 22, no. 48 (Junho 2020): 75-90, doi: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100.

os pontos de vida" (p. 68); iii) "do apego a um futuro ideal ao imperativo do futuro ancestral" (p. 70).

O questionamento radical ao conceito de utopia também se faz presente no ensaio de José Quintero Weir, que apresenta, a partir da perspectiva do povo indígena añuu, do Lago Maracaibo (Venezuela), um novo horizonte ético fundado no exercício permanente de "fazer-topia", simultaneamente material e espiritual, que se manifesta como um "fazer comunidade".

A partir de perspectivas distintas, outras propostas apresentadas no livro, formuladas por pesquisadores das ciências naturais e ambientais, voltam-se a recomendações de ação programática, na forma de políticas públicas que promovam uma transição social, econômica e ecológica na região.

É o caso da proposta de Philip Fearnside, que defende a transição de uma "economia baseada em commodities" para uma "economia baseada em serviços ambientais", bem como da proposta de Nathália Nascimento, Julia Arieira e Carlos Nobre, que apontam cinco medidas prioritárias para uma "Amazônia viva e vibrante": i) proteção e restauração dos ecossistemas amazônicos; ii) fortalecimento do seu mosaico de áreas protegidas; iii) transição para uma (socio)bioeconomia amazônica; iv) manutenção da conectividade ecológica e sociocultural da região; v) compromisso local, regional e global pelo bem viver na Amazônia.

A essas propostas, soma-se a de Lúcio Flávio Pinto, que sugere, no posfácio à obra, a criação do que chama de "*kibtuzim* científicos", isto é, "núcleos de formação de mão de obra científica e de experimentação da ciência" (p. 322), alocados nas áreas de avanço da fronteira econômica na Amazônia, posicionando os cientistas na linha de frente dos processos de transformação regional.

Ainda no âmbito programático, Raimunda Monteiro explora as utopias para a região formuladas nos programas do Partido dos Trabalhadores (PT), ao longo de mais de 30 anos (1989 a 2022). A análise evidencia as mudanças ocorridas, os avanços obtidos, mas também os limites existentes, como a continuidade da construção de grandes obras de infraestrutura, que acarretam impactos socioambientais na região, e

a baixa "participação das inteligências amazônicas progressistas no governo central" (p. 279).

Por outro caminho, Saint-Clair Trindade Júnior recupera as interpretações e utopias amazônicas presentes no pensamento geográfico brasileiro. O recorte de análise inclui diferentes abordagens das questões regionais: uma abordagem filiada à geografia clássica, mas com rupturas em relação às visões convencionais da região, como em Eidorfe Moreira; uma abordagem científica engajada na denúncia dos problemas regionais, como em Orlando Valverde; abordagens geopolíticas e socioambientais, desdobradas na proposição de políticas de ordenamento territorial, como em Bertha Becker e Aziz Ab'Sáber; e abordagens socioespaciais críticas que problematizam os conflitos entre processos exógenos e processos endógenos, e as ações de resistência e projetos políticos dos sujeitos locais, como em Milton Santos, Carlos Walter Porto-Gonçalves e José Aldemir de Oliveira.

Em vez de contrapô-las, Trindade Júnior considera que essas abordagens geográficas, de distintas filiações teórico-metodológicas, merecem ser recuperadas em suas contribuições para o entendimento da Amazônia e para o delineamento de outros horizontes de possibilidades.

Essa consideração pode ser estendida às perspectivas e propostas presentes no conjunto da obra resenhada – não à toa intitulada *Utopias amazônicas*, no plural –, que pertinentemente convida à construção de uma "ecologia de ideias" (p. 21) para reimaginar o futuro da região.

Nesse exercício intercultural e interpolítico, assumem centralidade os povos amazônicos, sejam as populações tradicionais, sejam os migrantes nacionais e estrangeiros, antigos ou recentes, cujos encontros e desencontros carregam experiências e aprendizados de grande significado.

Igualmente, esse exercício coletivo demanda a construção de uma inteligibilidade e articulação mútuas entre os saberes vernaculares e os conhecimentos científicos, e entre estes e as políticas públicas, rompendo com as hierarquias entre distintas matrizes cognitivas.

É desse "terreno comum alargado na base da alteridade"[9] que podem brotar e florescer horizontes de possibilidades promissoras para a região e para o mundo, tais como os que os autores de *Utopias amazônicas* nos ajudam a vislumbrar.

REFERÊNCIAS

Foucault, Michel. *O corpo-utópico, as heterotopias*. 2. ed. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2013.

Haesbaert, Rogério. "Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais". *GEOgraphia* 22, no. 48 (Junho 2020): 75-90. doi: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100.

Hecht, Susanna. "Utopia e tropicalidade". Palestra gravada em 9 de maio, 2025, transmitida pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 57:23. https://www.youtube.com/watch?v=JNM6a22oSAw.

Hurtado, Lina Maria e Carlos Walter Porto-Gonçalves. "Resistir y re-existir". *GEOgraphia* 24, no. 53 (Novembro 2022): 1-10. doi: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i53.a54550.

Loureiro, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. 5. ed. Manaus, AM: Valer, 2015.

Malheiro, Bruno, Carlos Walter Porto-Gonçalves e Fernando Michelotti. *Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo*. 1. ed. São Paulo, SP: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.

Michiles, Aurélio, diretor. *Segredos do Putumayo*. 24 VPS Filmes, 2020. Documentário.

Santos, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019.

Recebido: 05/06/2026
Aprovado: 05/10/2026

[9] Boaventura de Sousa Santos, *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*, 1. ed. (Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019), 28.